

A LEITURA DA HISTORIOGRAFIA CLÁSSICA PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Entrevistadores: Antonio Carlos Ferreira Pinheiro¹, Claudia Engler Cury² e Cristiano Ferronato³

Sæculum: O Sr. é hoje um dos historiadores da educação portuguesa mais conhecidos no Brasil sendo citado e referenciado nos trabalhos académicos. Conte-nos um pouco sobre a sua formação académica.

Justino Magalhães: A minha formação académica foi simultânea com o exercício docente e muito sobreposta com a investigação. Comecei por fazer o Curso de Magistério Primário; já a leccionar no Ensino Primário, fiz a Licenciatura em História. Estaguei e trabalhei no Ensino Secundário. Mas é de estagiário no Ensino Superior que guardo a experiência mais crítica e intensa, em termos de esforço e caminho pessoal. Tinha tido uma aproximação à História da Educação no Curso de Magistério Primário e, mais tarde, na Licenciatura em História. Entrei na Universidade para leccionar História da Educação.

Não sei se existe o autodidacta, seguramente não o sou. Conduzo a vida reagindo às circunstâncias; cedo idealizei um horizonte e me pus a andar, ainda que o caminho, penoso e demorado, tenha sido um acúmulo de tacteio e aquisição. As minhas referências são colegas, professores e pessoas sábias, a quem tomo por mestres. Sempre li tudo, ora com regra e objectivo, ora por curiosidade, exploração da linha de horizonte, erudição, devaneio. Entreteço problemas, fontes, hipóteses. Cruzo leituras, mas o mais gratificante é ler e reler os clássicos. Fiz a graduação em História quando corria a Revolução de Abril⁴, cumpri uma boa parte das disciplinas sob a modalidade de dissertação, individual ou em grupo, e guardo dos professores a mais grata recordação: disponíveis na procura e aconselhamento; rigorosos na verificação; pragmáticos no labor historiográfico. Alguns, vim a encontrá-los quando entrei para a Universidade como professor. De outros, aprendi a tenacidade, a dureza

¹ Professor Associado do Departamento de Metodologia da Educação, no Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba e Docente Permanente dos Programas de Pós-Graduação em História e em Educação da mesma instituição.

² Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba e Docente Permanente dos Programas de Pós-Graduação em História e em Educação da mesma instituição.

³ Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Bolsista CAPES.

⁴ Revolução de Abril (ou dos Cravos) é o nome dado ao golpe de Estado militar que derrubou, sem derramamento de sangue e sem grande resistência das forças leais ao governo, o regime ditatorial herdado de Oliveira Salazar e aos acontecimentos históricos, políticos e sociais que se lhe seguiram, até à aprovação da Constituição Portuguesa, em abril de 1976. O regime que vigorava em Portugal desde 1933 cedia, de um dia para o outro, à revolta das forças armadas, lideradas por jovens oficiais. O levantamento, usualmente conhecido pelos portugueses como 25 de Abril, foi conduzido em 1974 por oficiais intermédios da hierarquia militar (o MFA), na sua maior parte capitães que tinham participado na Guerra Colonial. Os oficiais de baixa patente, os oficiais milicianos, estudantes recrutados, muitos deles universitários, vendo suas carreiras interrompidas, cedo aderiam. É consensual ter trazido essa revolução, conduzida por esses jovens, a liberdade ao povo português, oprimido durante décadas. Denomina-se “Dia da Liberdade” o feriado nacional instituído em Portugal para comemorar a revolução iniciada no dia 25 de abril de 1974.

argumentativa e o cruzamento entre o arquivo e a biblioteca.

Mas a vida também depende de quem dá a mão ou confia em nós no momento certo. Destes, que são muitos, não posso esquecer Ribeiro Dias, Fortunato Queirós, Norberta Amorim, Ribeiro da Silva, António Nóvoa, António Viñao, Anne-Marie Chatier.

Sæculum: Quais pensadores, intelectuais ou historiadores que mais o influenciaram?

Justino Magalhães: Como referi, leio e releio os clássicos. Procuo-os em boas colectâneas e logo que possível passo à leitura integral. Em contraponto aos clássicos, sejam eles historiadores (como Lucien Febvre, Marc Bloch, Braudel, Vitorino Magalhães Godinho, Michel de Certeau, Harvey Graff, Joel Serrão, Ferreira Gomes), pedagogos (como Coménio, Rousseau, Herbart, Dewey, Decroly), filósofos (como Montaigne, Descartes, Locke, Kant, Vico, Montesquieu, Verney, Condorcet, Durkheim, Gadamer, Habermas, Foucault, Ricoeur), ou sociólogos (como Norbert Elias, Max Weber, Raymond Boudon, Pierre Bourdieu), leio os críticos e os “abridores” de caminho (por exemplo, Freinet, Neil, Ivan Illich, Paulo Freire). Mas entre uns e outros coloco aqueles em cuja escola me procuro inscrever, aqueles que estão a fazer o caminho, conceptualizando, revendo, ampliando os temas e as perspectivas em que estou a trabalhar (de que dou os exemplos de Jack Goody, Peter Burke, Geertz, Snyders, Roger Chartier, Jacques Revel, François Furet, Lepetit, Noiriél, Hartog, Julia, Popkewitz, Jean Houssaye, Boaventura Sousa Santos, António Nóvoa). Estes últimos, que são muitos e diferenciados, estudo-os com olhar crítico e sentido pragmático, pois que é por eles que a ciência avança. Eis os três vectores que sustentam e dão sentido à minha formação. Contudo, a estrutura mais sólida e profunda sedimenta nos clássicos, em quem joeirando a poeira, afinando o encanto do novo, contrariando a efemeridade, encontro a reinvenção do caminho. É do clássico que parto; é com o clássico que confronto o novo. Promissora ou radical, a inovação, ainda que efémera, atrai e inquieta. Por ela se esboçam os destinos, mas são os autores conceituados que consolidam o caminho.

A sina do histórico-pedagógico, como domínio epistémico e factor de transformação é recriar o binómio classicismo/inovação. Não pode deixar de fazê-lo através da argúcia crítica, da tenacidade argumentativa, da densidade informativa, da projecção do sentido, geradas numa cuidada hermenêutica, na depuração e no equilíbrio dos discursos dos mestres. Mestres são os que desvelam a construção do caminho.

Sæculum: Com esse contato com os pesquisadores percebeu alguma mudança em seu trajeto como investigador da história da educação?

Justino Magalhães: Na minha trajectória pessoal tenho procurado, como referi, uma reinvenção permanente, transitando entre arquivo e biblioteca, lendo e relendo clássicos e mestres, perscrutando as linhas de inovação junto dos mais ousados. O que tenho verificado desde que, na década de noventa, comecei a orientar teses de mestrado e doutoramento, é que, hoje, entre os jovens candidatos a investigadores se

distinguem com mais nitidez os credencialistas daqueles que querem sedimentar a sua formação. Esta alteração ter-se-á ficado a dever ou a que as circunstâncias científicas e académicas mudaram, nomeadamente, por exemplo, face ao não reconhecimento automático do doutoramento na carreira profissional dos professores, ou ao facto de hoje a maior procura ser de candidatos jovens. Um segundo aspecto é o de que estes jovens são mais disponíveis para cumprir as etapas laboratoriais do ofício, inclusive na prática da leitura e da escrita científicas. Isto, que é uma constatação geral, espero que venha a repercutir-se na História da Educação.

Sæculum: Como se deu a aproximação com os historiadores da educação brasileira?

Justino Magalhães: A minha aproximação ao Brasil foi rápida e intensa, ficando a dever-se à participação activa nos Congressos Luso-Brasileiros; à orientação de Seminários, Cursos e Conferências em diferentes Universidades Brasileiras; à intervenção em eventos científicos. Mais recentemente, tenho sido Professor Visitante em diferentes Universidades e tenho podido orientar e supervisionar Estágios de Doutoramento e Programas de Pós-Doutoramento. Foram editados dois livros meus no Brasil, para além de uma diversidade de artigos, capítulos de livros, participação em Actas. Nos planos científico e académico devo muito ao Brasil, onde fiz amigos e onde me sinto enobrecido. Não posso deixar de particularizar quanto de honroso e fecundo foi para mim ter-me sido confiada a Conferência de Abertura do 1º Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (Lisboa, 26-28 de Janeiro de 1996). Devo tal distinção aos Membros da Comissão Organizadora, cujo reconhecimento público aqui reitero, aproveitando o ensejo para homenagear o Professor Rogério Fernandes que acaba de deixar-nos. Desde a fundação que, a convite do Professor Dermeval Saviani, acompanho os trabalhos da Rede HISTEDBR; estive na ANPED em 1996, a convite dos GT's de História e de Alfabetização; tenho contado com o melhor acolhimento junto das sucessivas Direcções da Sociedade Brasileira de História da Educação.

Sæculum: Uma das obras mais conhecidas do Sr. no Brasil é *Tecendo Nexos*: história das instituições educativas, publicada em 2004. O Sr. visualiza mudanças nas perspectivas que o animaram a escrever a referida obra e as suas pesquisas atuais?

Justino Magalhães: *Tecendo Nexos* resume as minhas Provas de Agregação⁵

⁵ O título de agregado é um título académico atribuído pelas universidades e institutos universitários portugueses que atesta a qualidade do currículo académico, profissional, científico e pedagógico, a capacidade de investigação e a aptidão para dirigir e realizar trabalho científico independente. O título académico de agregado é atribuído num ramo do conhecimento ou numa especialidade, mediante a aprovação em provas públicas. As Provas de Agregação consistem numa prova de habilitação de acesso a concurso para professor catedrático e são constituídas: pela apreciação e discussão do currículo do candidato, incidindo especialmente sobre a atividade relevante de investigação, formação ou orientação avançadas e sobre a autoria de trabalhos científicos de qualidade reconhecida desenvolvidos após a obtenção do grau de doutor; sobre as suas atividades de investigação presentes e projetos e programas de trabalho futuros; sobre outros aspectos

(defendidas em 2000); *Alquimias da Escrita* retomava aspectos metódicos da minha tese de doutoramento (1994). São duas obras onde procurei abrir caminho. Foram bem acolhidas por colegas, investigadores e estudantes do Brasil; têm sido discutidas em seminários e citadas nos estudos da especialidade. Em *Tecendo Nexos* discuto a instituição educativa como objecto epistémico histórico-pedagógico e esboço um percurso investigativo. É uma obra que tinha subjacente uma *empíria*, mas não incluiu o trabalho empírico. Esta não-inclusão tem, uma vez ou outra, dado lugar a leituras acentuadamente dedutivas, com prejuízo para um dos aspectos fundamentais do objecto epistémico - a singularidade da instituição educativa como construção histórica. Tomada como objecto singular, a instituição educativa faz parte de um todo, mas ela própria funciona e ganha sentido, nos planos histórico e pedagógico, como totalidade. A composição e a dialéctica instituinte cruzam o singular com o transversal, mas na experiência educativa e no destino dos educandos é a singularidade que prevalece. Esse é um dos desafios de investigação, no que se refere a testemunhos, categorias e modalidades de representação, argumento, prova e comunicação escrita, que *Tecendo Nexos* não deixa inteiramente resolvida.

Creio que a temática e o objecto epistémico de *Tecendo Nexos* não estão esgotados, mas é preciso retomar a investigação empírica, prosseguir o debate, aprofundar o marco conceptual. Um dos aspectos mais notórios da instituição educativa é a longevidade, repercutindo na memória colectiva e nas memórias individuais, para além da materialidade e das experiências formativas. A efeméride e a comemoração, bem assim como a constituição de associações de ex-alunos são veículos, de algum modo, directos dessa repercussão, mas há heranças e repercussões socioculturais e individuais bem menos evidentes e nem por isso menos significativas.

Saeculum: Comente em linhas gerais acerca do quadro atual das pesquisas sobre a história da Educação em Portugal.

Justino Magalhães: Creio que a História da Educação em Portugal se ressentem hoje de um período de grande intensidade e inovação. Debate-se com algum desalento e alguma perda de visibilidade editorial. É um momento crítico que deverá preparar um novo ciclo, fazendo repensar e consolidando o caminho. Foram localizadas e compendiadas as principais fontes, abertos novos campos historiográficos, criados novos objectos epistémicos. Necessário se torna, entre outros aspectos, aprofundar o tirocínio da operação historiográfica, intensificar os percursos interpretativo e explicativo dos principais ciclos, avanços, indeterminações e linhas de evolução da educação, da aculturação escrita e da escolarização da Sociedade Portuguesa.

Saeculum: O que o Sr. aconselharia do ponto de vista teórico-metodológico

relevantes no currículo, designadamente a sua obra pedagógica, a orientação de dissertações e teses no âmbito de mestrados e doutoramentos, a difusão do conhecimento e da cultura e a prestação de serviços à comunidade; pela apresentação, apreciação e discussão de um relatório sobre uma unidade curricular, grupo de unidades curriculares, ou ciclo de estudos, no âmbito do ramo do conhecimento ou especialidade em que são prestadas as provas; por um seminário ou lição sobre um tema dentro do âmbito do ramo do conhecimento ou especialidade em que são prestadas as provas, e sua discussão. O título académico de agregado é titulado por uma carta de agregação emitida pela instituição de ensino superior que o conferiu.

para um jovem que desejasse ingressar no âmbito da pesquisa em História da Educação?

Justino Magalhães: Regresso aqui ao início deste meu apontamento. Se alguma coisa poderei recomendar a um jovem investigador, tal decorre do meu modo de fazer. Sempre que, em sede de doutoramento ou de tutoria, mo pedem, proponho um exercício de projecção, na base de um dilema, pergunto ao meu interlocutor se quer continuar a correr daqui a dez e de preferência vinte anos, ou se aspira ao brilho no imediato. Esta decisão estratégica reflecte-se no modo de andar, mas sobretudo na gradação, na densidade e maturação da formação. Ao primeiro, que é o que me entusiasma mais, recomendo trabalho e trabalho: ler os clássicos, alicerçando bem a casa e construindo-a com uma planta de estrutura resistente, mas que admita um recheio flexível, ou mesmo amovível. Escolha um tema complexo e vasto que possa ser apresentado por etapas. Não devem ser queimadas etapas, nem as que são necessárias ao ofício de historiador, nem as que são necessárias à sedimentação do caminho, ou, objecto a objecto, à consolidação do labor historiográfico. O caminho é uma combinatória de discipulação e mestria, transitando por diferentes escolas e cotejando diferentes perspectivas, viajando por diferentes centros e laboratórios, mas levando sempre os clássicos na bagagem.

Se, ao contrário, alguém pretende, por necessidade ou opção, um brilho imediato, deverá escolher um tema curto e actual, procurar um instrutor credenciado, de preferência publicamente bem cotado, procedendo a uma economia de leituras e a uma oportuna aplicação teórico-conceptual. Em qualquer das circunstâncias, a ciência não deveria comportar oportunismos.

Lisboa, 30 de junho de 2010.

Justino Magalhães.

